

O Marajó: uma história que se impõe à UFPA e pode revolucionar o Brasil e o mundo em tempos de COP-30

Magda Ricci.

Coordenadora PPHIST-UFPA e docente da FAHIS e do PPHIST-IFCH-UFPA.

O complexo marajoara é o maior arquipélago de águas doces do planeta. A região que entremeia as duas grandes bocas do maior rio, (o Amazonas), traz uma quase infinidade de caminhos aquíferos de espessuras, cores, com fundos em areias, pedras e terras muito diferentes. Por vezes esta saída do Amazonas se faz violenta e forma pororocas. Em outros locais o rio Amazonas se despeja largamente, conformando a imensa baía do Guajará. Esta é a protetora envolvente da cidade de Belém e que a separa da parte não oceânica do arquipélago do Marajó, conhecida esta região, de longa data, como sua “contra costa”. Igualmente o arquipélago possui outros tantos percursos de águas mais tranquilas, além de lagos e igarapés gelados, que entremeiam os dois mais amplos territórios do Marajó: o dos campos e os das matas/florestas, os quais, juntos, anuem uma espacialidade com uma biodiversidade única, coberta de tantos outros superlativos. Todavia, o que se impõe aqui e agora são suas gentes, prenhas de culturas e de historicidades tão grandiosas, quanto sua formação espacial.

São povos que carregam ancestralidades ímpares, já que nasceram de tempos pré-históricos. Povos estes que – na afirmação dos museólogos do *Museu Nacional* no Rio de Janeiro – geraram acervos que hoje são os que revelam “o maior nível de complexidade social na pré-história brasileira”. Os ancestrais povos marajoaras, que floresceram por volta de 400. d. C., formaram tesos, os quais até hoje são estudados em variados sítios arqueológicos no arquipélago. Destes locais de pesquisa, vieram à tona peças cerâmicas e outros utensílios constitutivos de artefatos extraordinários, que enchem de orgulho e de trabalho muitos arqueólogos e museólogos do Pará, do Brasil e de tantos outros lugares e instituições de pesquisa, que os preservam no intuito de debaterem a diversidade de possibilidades sobre a origem da humanidade, seus deslocamentos e modos de viver. É para os descendentes deste povo marajoara que agora o *Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia*, ligado ao *Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará* (PPHIST-IFCH-UFPA) abre uma turma de mestrado 2026-2028.

Esta turma é, simultaneamente, um desafio e uma conquista. Desafio porque tudo parece mais distante, e tudo é mais dispendioso e diferente para se fazer no Marajó. Todavia, a conquista é muito maior, pois que o processo seletivo – que começou por entre nossas dúvidas se haveria candidatos inscritos – encerra-se agora com a certeza de que os povos de hoje no arquipélago são tão ricos e diversos em sua história e cultura, quanto o eram os da pré-história. Isto porque a premissa para tal seleção ao PPHIST era que se fizessem projetos de dissertações sobre a região. Qual não foi nossa surpresa: mais de 130 candidatos, mais de uma dezena de municípios ali representados. Os 33 alunos que poderão se matricular e começar seu mestrado ainda em janeiro de 2026 são também superlativos para seus professores avaliadores.

Muitos dos aprovados foram alunos de graduação em turmas itinerantes de história da UFPA nos anos de 1990 e 2000, que contaram com apoios e verbas municipais, estaduais e federais. Outros são frutos de programas e de apoios de associações como a AMAM. Todos são guerreiros que – mesmo depois de graduados – fizeram de suas vidas eternas lutas para que a educação e a cultura; as letras e as artes em suas localidades ganhassem historicidade. Praticamente todos envolveram-se em projetos locais, estão presentes nas secretarias de educação e de cultura, muitos são parte de sindicatos e de associações; a maioria se especializou no que puderam. Desta forma, são candidatos que já chegam mais maduros e certos do que mais querem com seus mestrados.

Cada um dos projetos por eles apresentados é fruto desta trajetória de lutas. Cada qual constrói possibilidades amplas de conhecer a região, desnudam novos acervos orais ou escritos, imagéticos ou musicais. Recuperam uma diversidade de temas que deixou toda a banca de docentes da seleção do mestrado a pensar em como é pequena uma *História Social da Amazônia* até agora construía quase sem tocar nesta diversidade marajoara. Se o olhar da maioria dos docentes de Belém não pôde perceber, de pronto, a riqueza dos temas e gentes marajoaras, estes candidatos e candidatas agora aprovadas (os) os farão perceber com maestria ao longo dos próximos dois anos. Por vezes os projetos parecem simples, pois que vindos da oralidade, mas, uma leitura mais atenta desnuda riquezas antigas, puxando grossos fios compostos de temas e questões históricas amplas e complexas. Há uma história social das formas e significados do nascer, que vem de estudos sobre as parteiras tradicionais. Há outros que pretendem entender os significados outros para as padarias. Deixando em um segundo plano os seus processos produtivos e de trabalho em si, percebem as padarias como um *locus* para a arte dos pães, buscam compreender as maneiras artesanais de fazer suas formas mais próximas à cultura local,

suas cores e moldes. Algo semelhante está no estudo das artes de se pintar rabetas, em um projeto que une o como construí-la com saberes ancestrais e as modernas técnicas e cores de uma pintura inovadora e fruto de arte urbana contemporânea. Por outro lado, estuda-se também a cura em locais de tradições ancestrais, onde as formas de tratamento fundem o novo SUS e UPAs com saberes antigos e uma cultura viva da natureza e flora ribeirinha. Na música há muito mais nos projetos do que o boi e os batuques, sambas e carimbós marajoaras. Surgem sons como o de rock metal (*PORTHELL*) e deste tema inovador parte-se, abrindo ainda um caminho para a história da cultura e das suas diversidades. Há o que aprender também com o esporte e, em especial com o futebol e sua história social de disputas e festas ali atreladas, que unem povos antagônicos e podem até separar amigos. Nasce, entre os projetos apresentados, uma riqueza de formas de associativismos e de pessoas que, de dentro de sindicatos, construíram lutas e perceberam em projetos desenvolvimentistas seus problemas e contradições, junto aos povos e à natureza marajoara. Surgiram também projetos que investem nos tempos contemporâneos. É o caso do projeto sobre a nova estrada que corta Portel e a interliga ao Tocantins/Cametá. Entre os carros e caminhões, explodem novas possibilidades de modernidades nas cidades marajoaras. Todavia há problemas e perdas em todas as modernidades, mas é preciso ver e estudar mudanças e permanências, lutas e perdas: este é o desafio e a beleza do estudar o passado, sobretudo o mais contemporâneo. Neste caso se faz uma moderna história perspectivista, que compara, analisa e promove debates entre gentes e povos de temporalidades distintas, colocando aos presentes mais dados e opiniões bem fundamentadas e criando paralelismos das modernidades do passado com as do presente, seus significados e problemas.

Só conhecendo o passado e os que ainda o revelam por meio de saberes tradicionais e ancestrais, é que podemos preservar suas tradições e ensinar às próximas gerações a riqueza de um povo marajoara que, por vezes, e de formas muito injustas, é hoje classificado mais por estatísticas educacionais e de desenvolvimento econômico, sendo atrelado a índices que, quase sempre, coloca a região (e seus habitantes) abaixo da média paraense e brasileira. A nova turma do PPHIST surpreende, porque ela não corrobora estes números. Estas futuras alunas e alunos já militam no arquipélago para que cada moradora e morador, com seus filhos e filhas, tenha acesso à educação e à sua história local. Fazem isso sem serem mestres formados no ensino superior, mas com maestria de arranjos de saberes. Seus diplomas – que certamente virão em 2028 – serão mais do que um papel em um quadro na parede, ou dentro de uma pasta na estante de suas

casas. Estou certa de que estas alunas e alunos farão por nós – docentes e servidores da UFPA – bem como a todos os que militam por uma educação de qualidade no Pará e no Brasil uma revolução de saberes.

Nos últimos anos do século XVIII, o famoso naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira passou quase um ano no Marajó. Foi buscar aprimorar tecnologias de embalagens de madeira, em especial a de barris, para preservar carnes e peixes salgados. Portugal estava em guerra com os franceses na Europa e os fornecedores irlandeses e russos não mais ofertavam barris para embalar os peixes como o bacalhau salgado português. Rodrigues foi bem-sucedido e o Pará passou a exportar mais do que barris para peixes lusitanos. Das praias de Soure, ou das de Monforte no Marajó, Rodrigues observou e aprimorou muitas outras técnicas de pescar e salgar peixes locais. Também carnes de gado e de porco foram testadas com sucesso em Soure. Ele pôde fazer tudo isso porque encontrou o conhecimento da arte de navegação e de construção de barcos, a arte da pesca e de salga entre os povos viventes no Marajó das praias e campos. Todavia, Rodrigues também localizou as diferentes árvores de madeiras (e seus usos e formas de se cortar) entre os muitos povos marajoaras no Marajó das florestas ou matas. Por fim as formas de preservar alimentos e de os transportar descritas aos lusitanos por meio dos traços dos naturalistas Rodrigues e de outros emissários Régios revolucionaram a economia luso-brasileira entre 1790 e 1820. Ganharam o mundo as novas embarcações velozes capazes de passar pela pororoca. Também fizeram sucesso as embalagens novas feitas de diferentes fibras, cuias e madeiras.

Sobre esta riqueza e diversidade de produtos exportáveis escreveu José Veríssimo de Matos já em 1892. Veríssimo criticava seus pares enfatizando que era preciso sair da exclusividade da economia da borracha. Era necessário aprender com o passado de Rodrigues e os antigos brancos portugueses¹. Veríssimo percebia sua época como revolucionária, republicana e fruto de um tempo em que a educação e a história tinham que acompanhar o ritmo da nova energia motriz a vapor e da elétrica. Todavia, ele via a prevalência dos saberes/cultura/civilização dos brancos de matriz europeia na construção dos conhecimentos e da educação próprios da primeira república brasileira de 1892.

Hoje, em tempos de COP30, temos uma nova revolução tecnológica no horizonte próximo. Quem é capaz de dar este passo para o futuro senão os povos

¹ Ver: José Veríssimo. *A Amazônia. Aspectos econômicos*. Rio de Janeiro: Tipografia do *Jornal do Brasil*, 1892, p. 100.

ribeirinhos, indígenas, quilombolas, ou todos os povos marajoaras? Muitos destes povos tradicionais ainda hoje pouco utilizam os plásticos, derivados do petróleo. Eles ainda preservam saberes e fazeres próprios, transmitidos oralmente e ligados aos seus espaços e usos sociais e culturais da natureza, com a qual convivem há séculos. A turma 2026-2028 de Breves – oficialmente aberta pelo PPHIST- IFCH-UFPA – é o maior presente que uma universidade pode dar à COP 30: a produção de conhecimentos e suas trocas de saberes e de culturas. É por fim, a certeza que uma UFPA viva é aquela que sai dos muros universitários de Belém e se interioriza, aprendendo neste percurso a como mostrar sua cara e seus valores de dentro para fora, para, neste rumo, alcançar – firme e resolutamente – níveis de notório saber, seja ele nacional ou internacional.